

FAVELA E SEUS MORADORES SOB O OLHAR DA CLASSE MÉDIA: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Ligia Claudia Gomes de Souza (Universidade Salgado de Oliveira, Universidade
Veiga de Almeida, Faculdades Integradas Maria Thereza)
Edson Alves de Souza Filho (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo:

O presente artigo apresenta a investigação das representações sociais da favela e de seus moradores de um grupo de moradores de classe média do município de Niterói. A amostra foi composta por 225 sujeitos de ambos os sexos. Os resultados demonstraram que a favela é representada como o lugar da pobreza, onde há o descaso do governo, onde há falta de elementos essenciais da sociedade. Os moradores de comunidades carentes foram representados como pessoas pobres que sofrem a falta e o descaso das autoridades, esses indivíduos são entendidos também como boas pessoas que constroem laços de solidariedade. Esse estudo aponta para as condições de precariedade que a classe média constrói suas representações quanto à população carente.

Palavras-chave: representações sociais, favela, classe média.

INTRODUÇÃO

As cidades se desenvolveram mais rapidamente do que qualquer previsão poderia supor, com isso elas estão tendo que lidar com a explosão populacional que vem ocorrendo desde a década de cinquenta do século passado e que impacta principalmente os grandes aglomerados urbanos. Os demógrafos falam em mega e hipercidades surgindo daqui para frente, pequenas cidades que se expandirão fundindo-se em um todo único. Davis (2006) acredita que o preço de todo esse crescimento é a formação de uma ordem urbana onde a desigualdade será cada vez maior. O autor faz uma reflexão muito interessante ao destacar que “assim, as cidades do futuro, em vez de feitas de vidro e aço, como fora previsto por gerações anteriores de urbanistas, serão construídas em grande parte de tijolo aparente.” (p. 29) Ou

seja, a característica presente em diversos espaços onde a população mais pobre da cidade habita denominada no Brasil, de modo geral, de Favela.

Para Burgos (2005, p. 190) de uma perspectiva sociológica, a categoria “favela” não traduz apenas uma determinada forma de aglomerado habitacional, mais que isso, exprime uma configuração ecológica particular, definida segundo um padrão específico de relacionamento com a cidade.

A realidade das grandes cidades brasileiras corrobora essa tendência destaca pelo autor; cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, que ocupam posições centrais política, social e economicamente assistem desde a década de cinquenta um processo acelerado de favelização, cuja característica principal é a proximidade e certa indiferenciação do asfalto. Esse processo tem condições peculiares à realidade brasileira que a diferenciam do processo de organização urbana européia. Na Europa, a pobreza foi alocada ao largo dos grandes centros durante a constituição das cidades. No Brasil, houve uma tendência na metade do século XX de construir grandes conjuntos de prédios populares, conhecidos como conjuntos habitacionais. Essas construções tinham como principal característica o afastamento dos grandes centros, entretanto o processo de favelização foi tão acelerado e se deu exatamente no coração das cidades que hoje é difícil perceber onde começa uma e termina a outra, essa heterogeneidade em cidades como o Rio de Janeiro salta aos olhos do observador mais atento. Essa configuração também delineia a ordem social das cidades brasileiras onde o espaço público é povoado por grupos com realidades tão diferenciadas. O processo de construção das identidades tem nesse aspecto um elemento perverso na organização lógica social. A diferenciação entre asfalto e favela se encontra na base da distribuição das identidades urbanas hoje em cidades como o Rio de Janeiro. Segundo Barreira (2007) essas situações de homogeneidade e heterogeneidade foram retomadas sob o ângulo das dinâmicas culturais citadinas, marcadas pela permanente busca de valorização das identidades locais.

Para Carreteiro (1994) a criação e o desenvolvimento do espaço social das favelas podem ser vistos como fazendo parte de uma lógica de

sobrevivência, experimentada por grande parte das populações que está à margem das condições dignas de vida.

A formação das comunidades carentes e a sua ocupação em guetos urbanos se constituem um fenômeno que pode ser observado desde o início da organização social urbana brasileira. Segundo Valladares (2000) “Data do início do século não apenas a descoberta da favela, mas também a sua transformação em problema.” (p. 12)

Primeiramente “favela” foi o nome encontrado para designar as habitações construídas nas encostas da cidade do Rio de Janeiro, ainda no final do século XIX. Para Burgos (2005) a população que povoou esses espaços durante esse período era composta majoritariamente por ex-escravos que antes viviam nos cortiços existentes em áreas do entorno do centro da cidade.

Valladares (2005) localiza na ocupação pelos combatentes de Canudos do atual Morro da Providência, localizado na região central da Cidade do Rio de Janeiro, denominado na época de Morro de Favella a origem do termo e do próprio fenômeno.

Valla (1985) investigou aspectos históricos do fenômeno favela na cidade do Rio de Janeiro, buscando entender as múltiplas intervenções de instituições governamentais e religiosas nas favelas durante a primeira metade do século XX. O autor levantou ações propostas para conter seu processo que hoje soariam absurdas. A ação preventiva sugere: "a) o controle de entrada no Rio de Janeiro de indivíduos de baixa condição social; b) o recâmbio de indivíduos de tal condição para os seus Estados de origem; c) a fiscalização severa quanto às leis que proíbem a construção e reconstrução de casebres; d) a fiscalização dos indivíduos acolhidos pelas instituições de amparo; e) promover forte campanha de reeducação social entre os moradores das favelas, de modo a corrigir hábitos pessoais de uns e incentivar a escolha de melhor moradia".

A partir da contribuição do autor podemos observar que desde sua origem o poder público tenta intervenções (muitas vezes fracassadas) de contar, controlar ou mesmo fazer desaparecer com esse fenômeno social que

até hoje ocupa as autoridades. Atualmente em função da presença do tráfico de drogas em muitas dessas comunidades carentes, observamos a intervenção policial em primeiro plano.

A geografia de cidades, como o Rio de Janeiro possibilitou a ocupação de morros muito próximos à áreas muito valorizadas da cidade. Para Ribeiro e Lago (2001) essa proximidade espacial com os bairros de classe média alta, urbanisticamente organizados e providos de equipamento e serviços urbanos, produziu um forte contraste social que serve de evidência auto-demonstrada da existência das duas cidades. (p.144)

Essa convivência cotidiana e tão próxima impactou a cidade e seus moradores, a contraposição asfalto/favela faz parte do imaginário social e serve para distinguir, qualificar e classificar os seus moradores. Valladares (2005) defende que essa distinção existe desde a própria origem das primeiras construções no Morro de Favella. As imagens que povoam o imaginário social formaram no início de sua organização, ou seja, um mundo diferente que emerge na paisagem carioca, apartado da cidade, avesso da ordem urbana e social estabelecida, desde então a favela se tornou um problema social.

Para Freitas (2005) os processos de urbanização e de “periferização” das cidades têm repercussões psicossociais na rede de relações que as pessoas estabelecem em seus locais de existência.

As identidades no contexto das grandes cidades brasileiras foram se constituindo a partir desse processo de polarização e dicotomização das identidades sociais.

Cruz (2007) destaca que “ao longo dos pouco mais de cem anos do processo de favelização no Brasil, as representações desses espaços e de seus moradores têm sido alvo de uma disputa simbólica constante.” (p.78)

É a respeito dessa disputa simbólica travada até os dias atuais que trata essa investigação, ao levantar as representações sociais da favela junto à classe média podemos discutir sobre essa produção de sentido social que se dá no cotidiano de grandes cidades em todo o país. O modo como os extratos médios da população entendem a classe que habita esses espaços é marcado

a partir de uma lógica perversa onde a alteridade é construída a partir da contraposição eu/meu grupo no pólo positivo e eles no pólo negativo.

Para Pesavento (2002) a especificidade e a perversidade das condições de realização do capitalismo no Brasil dão margem a um contexto em que as representações assumem, de direito e de fato, preeminência sobre o real. O peso do simbólico sobrepõe-se à realidade: o parecer tem efeito de ser e, como tal, é julgado e avaliado. A credibilidade do imaginário se impõe, mesmo que as condições concretas de existência neguem os discursos e as imagens que sobre a realidade se produzem. A aparência e a fachada têm alta significação e o detalhe é tomado pelo conjunto” (p. 160).

Nos dias de hoje, as representações dualistas das favelas retornam ao debate público sobre a sociedade urbana carioca, uma vez que, as interações sociais entre os moradores de favelas e os não-moradores ocorrem em diversas ocasiões da vida cotidiana, das relações de trabalho, nos momentos de sociabilidade e em todas as situações em que esses indivíduos interagem.

As significações e re-significações desses espaços emergem nos cinco discursos sobre as favelas. As categorias de discursos propostas neste artigo – discurso da violência e do tráfico, discurso da chaga social, discurso da falta e da carência, discurso do idílio e discurso da diversidade. (CRUZ, 2007, p. 80)

Para Oliveira (2007) a favela deve ser reconhecida, tanto materialmente quanto simbólica e culturalmente como parte da cidade. A cidade por ela passa e nela estende as suas redes. A favela, como parte da cidade, está no mundo das mercadorias, do mercado imobiliário (e da renda que ele pode oferecer), da produção cultural e de serviços. Muitas delas já se urbanizaram ou estão em processo de urbanização e regularização por iniciativa do poder público, com projetos/programas de urbanização, ou por iniciativa dos próprios moradores que, apesar das condições adversas em que vivem, estão sempre procurando melhorar/ampliar suas residências e suas condições de habitabilidade. A favela é um espaço em permanente mutação e desenvolvimento como toda a cidade e a metrópole.

Silva (2005) ao discutir a relação entre jovens e violência urbana, defende que há uma estereotipia com relação à favela e aos seus moradores, o

autor divide essa visão estereotipada em duas tendências: uma conversadora e uma progressista. A conservadora envolve os moradores como parceiros do crime e a segunda os residentes eram identificados como bons favelados, eles são vistos como vítimas passivas de uma estrutura social injusta.

Naiff e Naiff (2005) investigaram como cidadãos de classe média baixa percebem a violência atual, a favela e seus moradores, seus resultados indicaram que as representações sociais que vinculam a pobreza com a criminalidade podem gerar tomadas de posição e comportamentos que reforcem o preconceito e o alijamento dos moradores de favelas, aumentando os sentimentos de não pertencimento e negação dessa parcela da população.

Martins, Santos, Tura e Bursztyn (2007) investigaram as representações sociais da Moradia na Favela Vila Nova Esperança objetivando entender o que é “moradia” para os habitantes e obter subsídios para projetos habitacionais direcionados aos anseios e vontades destes. Essa investigação descobriu que “Moradia” para os moradores de Vila Nova Esperança está fortemente ligada às questões de saneamento e segurança. Saneamento, como algo que eles enxergam como uma necessidade local e segurança como a principal qualidade de Vila Nova Esperança, motivo que levou muitos deles a construírem suas casas no local.

Enfim, esses estudos trouxeram informações importantes sobre a forma como a sociedade é impactada pela realidade que emerge da favela. Alguns autores organizaram seus resultados distinguindo as principais categorias que aparecem nos discursos, a seguir serão apresentadas algumas dessas sínteses.

Drysek (2004) defende que há uma constelação de discursos sobre a favela. Esses discursos podem ser classificados, segundo o autor, em: 1) discurso da violência e do tráfico, 2) discurso da chaga social, 3) discurso da falta e da carência, 4) discurso do idílio e 5) discurso da diversidade. O autor destaca a ampliação desses discursos pela mídia que, segundo ele funciona como uma caixa de ressonância na esfera pública.

Cruz (2007) investigou as representações sociais destacando que as representações sociais se fundamentam basicamente nos discursos,

apresentados a seguir: 1) discurso da violência e do tráfico, 2) discurso da chaga social, 3) discurso da falta e da carência, 4) discurso do idílio e 5) discurso da diversidade.

Essas investigações indicam o quanto a existência da favela impacta a sociedade e o quanto o discurso produzido com relação a ela é excludente e fundamentado em preconceitos, justificando a dicotomia asfalto/favela.

Teoria de Base

A Teoria das Representações Sociais foi escolhida para fundamentar essa investigação em função de sua aplicação ao estudo do pensamento dos grupos sociais, partindo da hipótese de que a classe média constrói sua alteridade se espelhando nas classes populares, essa investigação objetiva saber as representações sociais que a classe média constrói sobre a favela e seus moradores.

Essa teoria se caracteriza por desenvolver um estudo psicossocial de um fenômeno das sociedades modernas, que se interessa por aspectos relevantes do pensamento do grupo que se propõe investigar, principalmente o modo como os grupos sociais lidam com a realidade social. Moscovici, seu autor, defende que a “nossa chance de progresso e renovação dependem de nossa habilidade de permanecermos abertos aos problemas de nossa realidade coletiva.” (Moscovici,2003:127)

Moscovici dinamiza o conceito de Representações Coletivas de Durkheim aplicando-o a sociedades mais complexas, ele considera que as representações coletivas eram um objeto de estudo mais apropriado num contexto de sociedades menos complexas. O autor se interessa pelo dinamismo da sociedade, sua Psicologia Social está voltada para questões como por exemplo: “como as coisas mudam na sociedade?”, “como a novidade e a mudança, assim como a preservação e a conservação, se tornam parte da vida social?” As representações sociais surgem do debate e segundo seu autor elas “emergem a partir de pontos duradouros de conflito, dentro das estruturas representacionais da própria cultura.” (Moscovici, 2003:16)

Para o autor, as representações sociais deveriam ser entendidas como uma modalidade específica de conhecimento que elabora comportamentos. Elas são uma “modalidade de conhecimento particular que tem como função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre os indivíduos.” (Moscovici, 1961:26) Essa é a sua função constitutiva da realidade, uma vez que ela se constitui de um corpo organizado de conhecimentos que tornam a realidade social e física inteligíveis.

Investigar as representações sociais é estudar os processos culturais responsáveis pela organização do conhecimento em uma sociedade

Casuística e Métodos

Participantes: A amostra foi composta por 225 participantes de ambos os sexos sendo (**feminino 141, masculino 84**), com escolaridade mínima de primeiro grau completo (9 sujeitos), com escolaridade de ensino médio (98) e curso superior (118)

Método e instrumento de coleta de dados:

Instrumento de coleta de dados: O questionário foi composto por uma tarefa de associação livre para o termo Favela e questões sobre os significados da favela e de seus moradores.

Análise dos dados

Os dados coletados analisados foram submetidos à análise de conteúdo segundo os princípios de Bardin (1977) e os dados referentes à tarefa de evocação livre foram analisados através do programa de computador EVOCC.

Resultados e discussão

Estrutura das Representações Sociais da Favela

Fr >= 5			Fr >= 5		
Ordem Média < 2,9			Ordem Média >= 2,9		
Pobreza	128	2,195	Bandidos	42	3,071
Violência	101	2,584	Descaso	29	3,621
Tráfico	57	2,667	Morte	22	3,727
Drogas	54	2,722	Fome	19	3,105
Tiroteio	31	2,581	Falta de Estudo	18	3,611
Falta de saneamento	27	2,778	Criança	18	3,944
Funk	25	2,600	Injustiça	16	3,438
Desigualdade	22	2,818	Falta oportunidade	16	3,188
Miséria	21	2,524	Medo	15	2,933
Solidariedade	19	2,789	Insegurança	14	3,214
Abandono	19	2,842	Preconceito	11	3,818
Discriminação	18	2,833	Perigo	10	3,600
Sujeira	16	2,875	Polícia	10	3,700
Crime	11	2,182	Armas	8	3,500
Comunidade	9	1,889	Desestrutura	8	3,750
Exclusão	8	2,875	Ong	8	3,625
Desorganização	7	2,286	Samba	8	3,375
Criança	6	1,000	Trabalhador	8	4,000
Tristeza	6	2,167	Desemprego	7	3,571
Roubo	5	2,800	Desordem	7	3,714
			Guerra	7	4,000
			Casa pobre	6	3,000
			Desrespeito	6	3,500
			Sufrimento	6	3,000
			União	6	3,000
			Alegria	5	4,000
			Morro	5	3,200
			Prostituição	5	3,200
Barraco	4	2,750	Dificuldade	4	3,000
Desespero	3	2,667	Arma	4	4,000
Muita Gente	3	2,667	Briga	4	4,000
Humildade	3	2,667	Analfabetismo	3	4,000
			Desunião	3	4,000
			Esperança	3	4,333
			Ignorância	3	4,000
			Inocentes	3	4,667
			Marginalização	3	3,000
			Negros	3	3,667
Fr < 5			Fr < 5		
Ordem Média < 2,9			Ordem Média >= 2,9		

Na estrutura das representações sociais da favela, o núcleo central se constitui apenas de idéias negativas com relação à favela. O núcleo central demonstra a dimensão do preconceito direcionado a esse espaço social. As

representações positivas que constituem a minoria do quadro: samba, alegria e esperança.

O significado da favela – Categorias de Análise

1. **Lugar da pobreza:** Nessa categoria há a identificação da favela como o lugar onde os pobres residem, ou mesmo o lugar onde os pobres se abrigam, tendo abrigo um sentido negativo devido a falta de opção. Algumas idéias sobre a pobreza, aglomeração, precariedade, desenvolvimento desordenado, miséria, lugar da exclusão, moradia insegura denotam como a classe média identifica a favela com a desordem.

2. **Descaso do governo:** Nessa categoria os entrevistados falaram sobre o abandono das políticas públicas no espaço da favela. As idéias relacionaram a falta de serviços de saúde, educação e outros serviços que deveriam ser prestados pelo Estado.

3. **A Falta:** Essa categoria refere-se ao discurso da falta que permeou vários discursos dos entrevistados. Como por exemplo: falta de opção, falta de oportunidades, falta de opção de moradia, possibilidade de moradia acessível, falta infra-estrutura, carência de atenção, falta de atendimento às necessidades básicas.

4. **Impacto social da vida na favela:** Essa categoria se refere aos impactos sociais da vida na favela. Como por exemplo: desigualdade social, exclusão, condição social desfavorável, preconceito.

5. **O lado negativo da sociedade:** Nessa categoria estão presentes todas as idéias que negativam a favela em consequência da violência e do tráfico. Como por exemplo: medo, o pior da sociedade, tráfico, falta de paz, falta de segurança, perigo, guerra, crimes, bandidos.

6. **Discurso das vitimização:** Essa categoria se refere a uma tendência à vitimização das pessoas que vivem na favela, esse discurso enfoca os moradores que são entendidos como vítimas inocentes. Algumas idéias que apareceram foram: pessoas vitimadas, lugar de pessoas honestas, sofrimento, necessidade de ajuda, lugar simples, humildade, tristeza.

A favela como o espaço social da pobreza foi o principal significado atribuído pelos entrevistados. O descaso dos políticos, a falta de opção e a pobreza também são intimamente relacionados as representações da favela. A categoria lugar da pobreza compreendeu idéias como: “Lugar da exclusão, onde as pessoas vivem isoladas como se não pertencessem à sociedade.”, “Espaço usado como isolamento de uma classe desprovida, que tem se tornado a maioria.”

Significado dos moradores da favela – Categorias de Análise

1. **Pessoas pobres:** Nessa categoria observa-se que há uma relação direta entre a pobreza e os moradores das favelas. Pudemos ver, como por exemplo, a presença das representações: pobreza, carência, miséria.
2. **Discurso da Falta:** Assim como a favela, seus moradores são identificados pela ausência, os moradores foram identificados por tudo que os falta. Como por exemplo: falta de oportunidades, dificuldades, baixa escolaridade/pouca educação, necessidades, falta de infra-estrutura.
3. **Descaso das autoridades:** Nessa categoria os entrevistados identificaram os moradores com o abandono do governo. Como por exemplo: esquecidos pelo governo, vítimas, abandono, desrespeito, exclusão, desigualdade social, injustiça social.
4. **Impacto nos moradores:** Essa categoria os entrevistados relacionaram aos sentimentos negativos nos moradores. Como por exemplo: sofrimento e tristeza, submissão, opressão, medo, desespero, desesperança
5. **Bons Moradores:** Nessa categoria os moradores foram valorizados e vistos como pessoas de bem. As características positivas foram ressaltadas como uma contraposição a tudo que os moradores enfrentam em seu cotidiano, ao serem submetidos à violência. As idéias de que os moradores são batalhadores, trabalhadores, pessoas honestas, pessoas de bem.
6. **Laços de solidariedade:** Nessa categoria estão presentes as representações sociais relacionadas à existência de laços entre os moradores. Esses laços são ligados diretamente às condições precárias nas quais essas

peças vivem. A relação que os entrevistados fizeram foi a de que a carência favorece a união entre moradores, proporcionando a união e a solidariedade.

7. **Alegria de viver:** Essa categoria congrega idéias sobre a alegria, o samba e o carnaval. Os entrevistados relacionam os moradores à alegria apesar de todas as condições difíceis em que vivem.

8. **Violência:** Essa categoria refere-se à violência e a tudo que está relacionado a ele como o tráfico e as drogas

9. **Culpabilização:** Nessa categoria os moradores são entendidos como parceiros do crime em tudo o que acontece no ambiente da favela. Culpados: comodismo, preguiça, pessoas más, bandidos,

A falta/ausência define as representações sociais da favela, a maioria das categorias que emergiram nessa análise mostra que a classe média significa essa parcela da população a partir daquilo que não existe, essas representações podem ser exemplificadas pelas falas dos entrevistados a seguir: “Crianças sem condições de freqüentar escolas, sem alimentação adequada, sem carinho desejado, violência por conta tráfico”, “pobreza, sujeira, abandono”, junto à essa idéia se alternaram categorias que valorizam os moradores a partir das noções de Batalhadores/trabalhadores, pessoas de bem, união.

Tabela 1: Aspectos positivos de morar em uma favela

Categoria	n	%
União/solidariedade/amizade	100	27.25
Não há/não respondeu	68	18.53
Não pagar contas/impostos	33	8.99
Carnaval/ Diversão/samba	24	6.54
Moradia barata/custo de vida barato	23	6.27
Pessoas boas/trabalhadores	19	5.18
Alegria/criatividade	18	4.90
Vista privilegiada	16	4.36
Humildade	11	3.00
Perseverança/luta	10	2.72
Projetos sociais	7	1.91
Proteção do tráfico	7	1.91
Segurança/liberdade	7	1.91
Proximidade do local de trabalho	5	1.36
Honestidade	5	1.36
Religião	2	0.54

Comércio	2	0.54
Outros	10	2.72
Total	367	100

Os entrevistados confirmam a tendência anterior ao negar os aspectos positivos, mas as idéias positivas de união e solidariedade que aparecem em destaque confirmam a tendência da valorização dos laços de solidariedade entre os moradores da favela, mas é interessante refletirmos sobre os motivos pelos quais, essa relação se dá ao questionarmos: por que exaltar a amizade em meio a tantos fatores negativos? Seria para negá-los ou para amenizá-los?

Tabela 2: Aspectos negativos de morar em uma favela

Categoria	n	%
Falta de políticas públicas	124	18.37
Violência	82	12.15
Tráfico/drogas	76	11.26
Falta infraestrutura	56	8.30
Discriminação social	47	6.96
Pobreza	46	6.81
Bala perdida/tiroteio	43	6.37
Insegurança/medo	34	5.04
Submissão ao tráfico/polícia	30	4.44
Mortes/risco de vida	26	3.85
Criminalidade/bandidos	24	3.56
Prostituição/promiscuidade	18	2.67
Falta de oportunidades	17	2.52
Convívio/proximidade com o crime	10	1.48
Desemprego	8	1.19
Fome	7	1.04
Ambiente ruim	3	0.44
Sufrimento	2	0.30
Comodismo	2	0.30
Outros	20	2.96
Total	675	100

Os entrevistados destacaram um quantitativo de aspectos negativos que representa 83% a mais do que os aspectos positivos. Esse quantitativo confirma a tendência observada nas outras respostas, qual seja a qualificação desse espaço e de seus moradores a partir das idéias negativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações sociais da favela encontradas nesse estudo se fundamentaram nas idéias de falta/ausência: serviços, direitos, sujeira/ausência de saneamento, no discurso da comunidade como vítima, em menor quantidade e, principalmente, na violência, semelhantes às encontradas idéias presentes nos estudos levantados na revisão de literatura.

Podemos resumir as categorias encontradas como: *falta/ausência*, quando a ausência define o espaço e seus moradores, essas representações justificam as políticas assistencialistas e paternalistas, uma vez que a ausência justifica o serviço de qualidade duvidosa, “uma vez que os pobres não têm nada”; *planificadora*, quando as representações são consideradas sem distinção, ou seja, sem diferenças. As comunidades, nessa visão, são vistas como comunidades pobres e incapazes de resolverem seus problemas; *lugar do crime e da violência*, quando a favela e seus moradores são vistos como bandidos ou ligados à ela; *higiênica*, quando a favela e seus moradores são vistos a partir do aspecto anti-higiênico, o que justifica a intervenção e mesmo remoções.

É necessário discutirmos as implicações sociais dessa construção da classe média quando interage e produz alteridades com os outros grupos sociais. Essa construção se mostrou pautada em estereótipos que mantém o a favela e seus moradores, enquanto grupo homogêneo, como algo diferente, estranho e, principalmente, como uma alteridade, ou seja, o princípio de Tajfel (1982) foi observado quando os sujeitos de pesquisa representaram o outgrupo como um todo indiferenciado. Esse estudo procurou colaborar com o esclarecimento das representações sociais da favela que circulam na sociedade, os estudos desenvolvidos sobre a temática têm contribuído para o esclarecimento do preconceito presente e a mudança da realidade social passa pela mudança da forma como a sociedade lida com as diferenças sociais.

REFERÊNCIAS

MARTINS, A C A; SANTOS, M C O; TURA, L F R; BURSZTYN, I. Estudo das representações sociais na favela de Nova Esperança. (2007) **Anais da V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais**. Disponível em www.gosites.com.br/vjirs

NAIFF, L A M; NAIFF, D G M. (2005) A favela e seus moradores: Culpados ou Vítimas? Representações Sociais em tempos de Violência. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 5, n. 2. Rio de Janeiro, Dezembro.

OLIVEIRA, M P.(2007) A favela e a Utopia do Direito à cidade no Rio de Janeiro.**Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales**. Vol. XI, núm. 245 (34), 1 de agosto de 2007.

CRUZ, M M (2007) Vozes da favela: representação, identidade e disputas discursivas no Ciberespaço. **Stockholm REVIEW OF Latin American Studies Issue** Número 2. Novembro.

DRYSEK, J S. (2004) 'Legitimidade e economia na democracia deliberativa'. In Vera Schattan Coelho e Marcos Nobre (Org). **Participação e Deliberação – Teoria democrática e experiências institucionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Ed. 34.

RIBEIRO, L. C. Q.; LAGO, L. C. (2001) A oposição favela-bairro no espaço social do Rio de Janeiro. **São Paulo em perspectiva**. 15(1)

PESAVENTO, S. J. (2002) **O Imaginário da Cidade. Visões literárias do urbano**. Paris; Rio de Janeiro; Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Tajfel, H. (1982a). **Grupos humanos e categorias sociais**. Lisboa: Livros Horizonte.

VALLADARES, L P. (2005) **A invenção da favela: do mito de origem à favela**. Rio de Janeiro, Editora FGV.

_____. (2000) A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**.Vol. 15, Nº 44 outubro.

VALLA, V V (1985) Educação, participação, urbanização: uma contribuição à análise histórica das propostas institucionais para as favelas do Rio de Janeiro, 1941-1980. **Cadernos de Saúde Pública**, RJ, I (3): 282-296, jul/set.

SILVA, J. S. (2003) Considerações sobre juventude e violência urbana. **ECO-PÓS**, v. 8, n. 1, janeiro-julho, pp. 13-23.

BARREIRA, I A F. (2007) Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro. **Análise Social**, vol. XLII (182), 163-180.

BURGOS, M B. (2005) Cidade, Territórios e Cidadania. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 48, no 1, pp. 189 a 222.

CARRETEIRO, T C. (1994) Formação, desenvolvimento e transferência de uma favela. **Revista do Departamento de Psicologia UFF**, v.6, n^{os} 1 e 2.

MOSCOVICI, S. (1961) **Psychanalyse: Son Image et Son Public**. Paris: PUF.

_____ (2003) **Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Vozes.